

A carta como dispositivo de escrita (auto)biográfica: reflexões e desafios da docência na contemporaneidade

The letter as a device for (auto)biographical writing: reflections and challenges in contemporary teaching

La carta como recurso de escritura (auto)biográfica: reflexiones y retos de la docencia en la actualidad

DOI: 10.54901/educa.v9-414

Antônia Andreza Moreira dos Santos Andrade¹

João Pereira da Silva²

Bruno Miranda Freitas³

Elisangela André da Silva Costa⁴

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo refletir sobre as práticas docentes e investigativas a partir da análise das cartas pedagógicas produzidas por discentes do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará - PPGE/UECE. Toma como ponto de partida o reconhecimento das narrativas como elemento importante nos processos de formação, no exercício profissional docente. Metodologicamente, o estudo se pauta nos pressupostos e princípios epistemológicos da abordagem qualitativa, ancorada na perspectiva (auto)biográfica, utilizando as narrativas de si através da produção de cartas pedagógicas foram utilizadas como estratégias de aproximação com a realidade. Participaram do estudo quatro estudantes, vinculados ao PPGE-UECE, lócus da investigação. Os dados, submetidos à perspectiva proposta pela análise de prosa, resultados revelaram que o processo de desenvolvimento da escrita dos sujeitos participantes da pesquisa ganhou maior dimensão a partir da troca de cartas, relatando os desafios encontrados no decorrer de suas experiências com a pesquisa. Dessa forma, a escrita das cartas pode proporcionar maiores reflexões na vida dos participantes e melhores proposições no processo de desenvolvimento da escrita dos textos acadêmicos.

Palavras-chave: Pesquisa (Auto)biográfica; Formação Docente; Escrita Autobiográfica; Cartas Pedagógicas.

¹ Mestre em Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Fortaleza, Ceara, Brasil. E-mail: andreza.moreira44@gmail.com

² Doutorando em Educação, Universidade Estadual do Ceara, Itapiuna, Ceara, Brasil.
E-mail: joaopereira.silva@aluno.uece.br

³ Doutor em Educação, Universidade Estadual do Ceara, Capistrano, Ceara, Brasil.
E-mail: bmfbruno91@gmail.com

⁴ Doutora em Educação, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Horizonte, Ceara, Brasil. E-mail: elisangelaandre@unilab.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A docência é um exercício complexo que transcende os limites meramente técnicos de uma profissão que é frequentemente alvo de julgamentos e desvalorização no contexto da sociedade contemporânea (Nóvoa, 2017). O magistério não se constitui como uma vocação ou um serviço que visa uma recompensa de ordem remuneratória. Tais compreensões – da vocação e da prestação de serviços - tratam de forma reducionista e equivocada o exercício profissional do professor, afastando-se do todo fazer da prática educativa, que envolve elementos técnicos, éticos, políticos e estéticos (Rios, 2010).

Os processos de ensinar e aprender, inclusive a própria profissão, mobilizam no educador o compromisso político com a coletividade, a responsabilidade de contribuir com a formação dos sujeitos para que possam também colaborar com as transformações sociais necessárias ao atual contexto, sem abrir mão de uma abordagem crítica e reflexiva, orientada pela e para a emancipação humana.

A figura do professor transcende à compreensão deste profissional como um técnico e avança para o reconhecimento de sua identidade como um sujeito historicamente situado, cuja profissão transcende a simples transmissão de conteúdos, caminhando para uma perspectiva pedagógica crítica e emancipatória. Tal compreensão se faz necessária é um tempo histórico tão complexo como o século XXI, marcado por mudanças aceleradas na educação que envolvem a integração tecnológica, o foco no desenvolvimento de competências e habilidades socioemocionais, dentre outras tantas que se alinham a uma perspectiva neoliberal de formação flexível da classe trabalhadora (Kuenzer, 2007). Dentro desse contexto, a formação docente e o exercício profissional dos professores vêm sendo cada vez mais afetados por demandas que buscam responder de forma rápida às demandas sociais. Alinhados a esse cenário, os documentos normativos que orientam a educação nacional vêm pautando os processos formativos nos diferentes níveis de ensino na Pedagogia das Competências que, segundo Saviani (2008, p. 437) buscam “dotar os indivíduos de comportamentos flexíveis que lhes permitam ajustar-se às condições de uma sociedade em que as próprias necessidades de sobrevivência não estão garantidas”.

Diante do exposto, é fundamental problematizar o modo como a formação e o exercício profissional docente são afetados por esses diferentes determinantes, de modo que sejam desvelados os projetos de sociedade que orientam os projetos educativos das instituições de ensino e o modo como afetam a construção das identidades das instituições, dos educadores e dos educandos.

De acordo com Josso (2004), ao aprender e se desenvolver profissionalmente, o sujeito deve implicar-se num trabalho de formação e reformulação dos conhecimentos historicamente construídos pela humanidade, de modo que se torne possível o enfrentamento dos desafios presentes nos contextos de existência.

Souza (2006) destaca que a interação entre as dimensões pessoais e profissionais nos contextos de formação possibilita aos indivíduos a apropriação crítica das próprias trajetórias, fortalecendo a compreensão de si como uma pessoa singular, capaz de produzir sentido e significado na composição da aprendizagem.

A escrita (auto)biográfica se constitui como uma estratégia investigativa e formativa a partir da qual é materializado o exercício de refletir sobre os processos de formação docente, de modo especial daqueles que atuarão na educação superior. Assim, neste estudo, elegemos como objeto de investigação as cartas pedagógicas produzidas por discentes da disciplina Estudos Orientados, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE), considerando seu potencial como instrumento de mediação crítica e autorreflexiva sobre a prática educativa e a pesquisa em educação.

O objetivo geral deste estudo é refletir sobre as práticas docentes e investigativas a partir da análise das cartas pedagógicas produzidas por discentes do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará - PPGE/UECE. Metodologicamente, a pesquisa se assenta na abordagem qualitativa, com inspiração nos pressupostos do método (auto)biográfico.

Os achados e reflexões estão organizados da seguinte forma: introdução, que apresenta uma visão geral do trabalho, percurso metodológico e os fundamentos teóricos que subsidiam as reflexões realizadas sobre as escritas de si; análise e discussão do corpus selecionado e, por fim, as considerações finais seguidas das referências.

2 O TRAJETO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este escrito ancora-se nos pressupostos metodológicos da pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2015), de abordagem qualitativa, lançando um olhar reflexivo sobre a formação docente na pós-graduação, ultrapassando, dessa forma, as fronteiras da descrição da realidade que se pautam em dimensões técnicas e instrumentais da formação profissional (Souza, 2004).

Na pesquisa narrativa, o pesquisador deve ter o seu foco na experiência (Clandinin; Connelly, 2015). Considerando esse pensamento, as narrativas analisadas neste trabalho compreendem experiências, concepções pessoais e coletivas da disciplina de Estudos Orientados II, ofertada a mestrandos e doutorandos pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), ocorrida no segundo semestre de 2024. Durante esse período, os discentes foram convidados a elaborar cartas pedagógicas destinadas a colegas da turma, expressando inquietações, dificuldades e avanços relacionados ao processo formativo na pós-graduação. A dinâmica foi organizada pelos docentes da disciplina, que dividiram a turma em duplas, formadas com base em afinidades previamente identificadas. Cada estudante escreveu uma carta ao seu colega, compartilhando dilemas acadêmicos vivenciados no decorrer da pesquisa e recebeu uma resposta que continha reflexões e considerações sobre o percurso formativo do remetente. A turma era composta por 10 estudantes, constituindo 05 duplas entre mestrandos e doutorandos, número que se manteve constante até o encerramento da disciplina.

Durante o período das aulas, foram produzidas 03 cartas por cada aluno, 06 por dupla, totalizando 30 cartas ao final do semestre. Desse montante, foram selecionadas uma amostra de 04 cartas, escritas por duas duplas, para constituir o *corpus* do artigo. A escrita era livre, pessoal e apresentava marcas de oralidade, pois o gênero textual sugerido pelos docentes foi a carta. Seguindo as premissas da pesquisa narrativa, derivaram-se as interpretações do que disseram as cartas sobre a vida acadêmica dos sujeitos investigados.

Compreendemos que o gênero textual cartas mostrou-se propício a reflexões genuínas, tornando-se um instrumento que articulou as perspectivas descritiva, crítica e reflexiva, como objetivavam os docentes responsáveis por ministrar a disciplina.

Com o intuito de elaborar o texto da pesquisa de cada participante da disciplina, desenvolveu-se uma análise interpretativa das cartas pedagógicas. Para isso, fez-se necessário uma releitura dos textos das cartas produzidas pelas duplas, duas cartas por dupla, mantendo-se o anonimato, denominou-se de carta 01, carta 02 e assim sucessivamente. Na releitura desses textos, articulamos e dialogamos com diversas perspectivas das experiências dos participantes da pesquisa, buscando padrões e linhas narrativas, tensões e temas, considerando contextos de outras pesquisas e outros trabalhos teóricos (Clandinin; Connelly, 2015).

3 AS REFLEXÕES TEÓRICAS E OS ASPECTOS (AUTO)BIOGRÁFICOS DA ESCRITA DE SI

O caminho que se delineia pela trajetória das histórias de vida e formação é caracterizado pela narrativa, que perpassa gerações e permite explicitar a singularidade de cada ser, ao articular vida, formação e trabalho, entrelaçando espaço e tempo distintos.

Durante todo o processo da existência humana, um importante tripé constitui a base sólida dos indivíduos: vida, formação e trabalho. Estas referências fornecem subsídios que abrangem a interligação entre o desenvolvimento pessoal, a aquisição contínua de conhecimentos e a inserção no mundo profissional. É relevante destacar a relação dialética estabelecida entre os mesmos, pois as condições materiais de existência afetam significativamente a formação e o trabalho, assim como é afetada por ambos.

Ao adotar a pesquisa (auto)biográfica como referencial teórico, torna-se fundamental compreender os pressupostos que a sustentam. Neste trabalho, revisitamos e aprofundamos o conceito de espaço biográfico, entendido como uma construção marcada por três dimensões constitutivas: o tempo, a experiência e a reflexividade. Esses elementos são essenciais para a análise dos processos formativos e para a valorização das narrativas de vida como instrumento de investigação e compreensão da prática educativa. Esses fatores são condicionantes para se (re)construir, a partir do vivido. O processo de elaboração biográfico ocorre por meio do ato de biografar, onde o sujeito escreve sua experiência, dentro de uma lógica narrativa, dando forma ao vivido (Delory-Momberger, 2016; Josso, 2004; Passeggi, 2011). Na perspectiva de dar um sentido aos atos de biografização dos sujeitos, buscamos por intermédio dos estudos de Souza (2006) e Josso (2004), a utilização das narrativas como possibilidade para entender as vivências e as experiências construídas tanto social, quanto individualmente.

Essa configuração é evidenciada quando a pessoa do professor é compreendida como uma das principais referências no processo formativo (Souza, 2006). A partir dessa postura epistemológica podemos entender o real significado das articulações entre o desenvolvimento pessoal e profissional na formação docente.

Souza (2006) enaltece a dimensão pessoal como sendo a responsável pela singularidade e historicidade, que produzem sentido e significado ao processo de aprendizagem. O processo de desenvolvimento pessoal é, portanto, fertilizado pela abordagem biográfica, uma vez que a partir das narrativas das trajetórias de escolarização, é possível se obter princípios que potencializam a aprendizagem e o desenvolvimento da dimensão profissional. Destarte, o

estudioso sinaliza que entre o eu pessoal e eu profissional não há indissociabilidade, eles simplesmente se completam e se inter-relacionam mutuamente.

A docência é uma escolha de vida que se entrecruza com a dimensão pessoal e profissional, pois os saberes da experiência demarcam a memória e a aprendizagem que nos constituem como pessoa e profissional. , compreendendo que Souza (2006) assinala que a dimensão profissional faz alusão à formação inicial e contínua que o docente vivencia ao longo de toda a sua trajetória profissional, proporcionando meios que os qualifique como reflexivo, investigador de suas práticas, de modo que seja capaz de transformá-las em seu cotidiano, tendo por base as fontes teóricas e o chão da sala de aula como principais subsídios.

De acordo com Pereira (2024), todo esse processo deve se manter sempre em construção, sendo bem cuidado, retocado, remodelado caso necessário, deve-se seguir construindo ao longo do tempo na docência, uma vez que trata de um movimento central do processo formativo que tem como protagonista o próprio sujeito da formação. A partir dessa perspectiva cada educador, como sujeito, tem a possibilidade de se perceber, se descobrir e de se reinventar, sem deixar de considerar tudo que constitui sua singularidade e sua potencialidade.

A história de si é um potente ingrediente do processo formativo. Nas palavras de Passeggi (2011), ao narrar sua própria história, o indivíduo busca dar sentido às suas próprias experiências e no decorrer desse percurso, constrói outra representação de si, reinventando e ressignificando as experiências vividas que os entrelaçam em suas trajetórias.

As histórias de vida são relevantes contributos no processo formativo. Conforme aponta Josso (2004), essa temática vem ganhando seu espaço na proporção em que o tempo avança. No campo educacional, os trabalhos de pesquisa com essa temática conquistam sua amplitude justamente na formação de professores. Assim também como as abordagens biográficas passaram a acompanhar, orientar, suscitar e facilitar projetos de pessoas à procura de um crescimento profissional.

Também contribuindo com o debate dessa temática, Pereira (2024) descreve que:

As histórias de vida e as escritas de si ganham lugar de destaque na ação pedagógica, especialmente por que proporcionaram ao graduando mergulhar em si mesmo para revisitar seus percursos de vida, formação e profissão com os dilemas, dificuldades e conquistas, retomando registros de suas memórias, que estão guardados ou mesmo esquecidos em lugares secretos, que a consciência selecionou como marcas que lhe fazem ser o que é hoje (Pereira, 2024, p. 245).

É oportuno acrescentar que o contexto das histórias de vida vem promovendo uma inovação, e crescimento do volume de experiências desenvolvidas e socializadas por meio de seminários universitários ou mesmo em sessões de formação contínua de profissionais, em especial, no campo educacional (Josso, 2004). Também é nítido que esse avanço se prolifera fora do contexto universitário, proporcionando dessa forma, uma metodologia de estudos que está além das paredes universitárias.

Podemos observar que as histórias de vida estão se tornando objetos de construção do conhecimento, articulando dois tipos de objetivos teóricos: o primeiro se refere a um processo de mudança de posicionamento do pesquisador em relação ao apuramento metodológico das pesquisas-formação, articulando à construção de uma história de vida; e o segundo objetivo que demarca a contribuição do conhecimento desse tipo de metodologia, incluindo um projeto de delimitação de um novo espaço de reflexão, abarcando a formação, a autoformação e suas características que se voltam para um determinado público específico (Josso, 2004).

Retomando o diálogo com Passeggi (2011), é oportuno evidenciar que, no Brasil, as pesquisas educacionais com características autobiográficas têm se voltado em maior escala para as questões identitárias com ênfase na formação docente. Desse modo, ainda sendo raras aquelas que investigam a ressignificação da experiência no ato de narrar a própria vida. Diante dessa constatação evidenciada pela pesquisadora, é relevante discorrer acerca da importância de solicitar aos professores a tarefa de narrar suas histórias de vida e as suas experiências profissionais, colocando no contexto da formação, as escritas de si, como probabilidade de melhora da compreensão narrativa (auto)biográfica como prática pedagógica (Passeggi, 2011).

Para Costa, Martins e Souza (2025), faz-se necessária a superação da didática instrumental, que permanece ainda arraigada a uma formação tradicional de ensinar e aprender. Tal superação encontra base em movimentos epistemológicos como o realizado no processo de construção da didática crítica, bastante discutida nas últimas quatro décadas no Brasil, proporciona o acesso a um vasto arcabouço teórico, com uma perspectiva problematizadora, capaz de construir conhecimento que amplie uma nova forma de ensinar e aprender na contemporaneidade. Nesse contexto, a narrativa pode ser um potente aliado capaz de dar visibilidade às vozes dos professores e estimular novos processos de reflexão acerca dos diferentes desafios e dilemas enfrentados por esses sujeitos ao longo de suas trajetórias de formação, vida e trabalho. Neste movimento, consideramos que a escrita de cartas se constitui como relevante instrumento de diálogo intersubjetivo, fortalecendo os processos de formação. Este recurso vem sendo utilizado por distintos educadores, dentre os quais destacamos Paulo Freire (2021).

Os pesquisadores que se debruçam sobre a Didática Crítica também evidenciam outros contributos epistemológicos como a concepção da didática multidimensional, que problematiza os contextos nos quais os processos de ensinar e aprender são realizados. Articulando multidimensionalidade e multirreferencialidade, Franco e Pimenta (2016) destacam o importante contributo do diálogo mediado entre educadores e educando nos processos de produção do conhecimento. Destacam também a didática crítica intercultural e decolonial, que a partir do direito à igualdade e à diferença é capaz de superar preconceitos relacionados à diversidade e a perspectiva monocultural presente nas principais instituições de ensino ao longo do tempo (Candau, 2023).

A metodologia empregada por meio da escrita de cartas é um procedimento que articula movimentos de investigação e formação, assim também considerando importante instrumento de mediação nas práticas de orientação de trabalhos acadêmicos. Diniz (2013) define que a carta é um resultado de uma troca de ideias, envolvendo comentários e questionamentos existentes entre discentes e docentes pesquisadores. A autora aponta que por meio da carta é possível orientar, comunicar e reproduzir histórias, saberes e experiências, fato que configura o texto epistolar como um gênero que permite aos pesquisadores o desvelamento de múltiplas dimensões presentes nos processos de formação, superando dicotomias presentes na história educação e que se revelam na cisão entre o pensar e o agir, o saber e o fazer, o saber e o sentir.

Na sequência passaremos a refletir, a partir da análise das cartas pedagógicas produzidas por discentes do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, sobre as práticas docentes e investigativas vividas neste contexto de formação.

4 OS DIZERES DAS CARTAS SOBRE MIM E SOBRE VOCÊ

Nesta seção, apresentamos a análise das cartas escritas, articulando os referenciais teóricos e as reflexões que emergiram das narrativas construídas e socializadas pelos sujeitos da investigação. Cada análise foi realizada de maneira dialética, num sentido de idas e vindas que permitisse uma aproximação com a complexa teia de relações que se faz presente no percurso que a vida faz no decorrer da caminhada acadêmica, nas escritas, nos avanços e desafios presentes na formação docente. O teor reflexivo deste movimento, desde a escrita e socialização, simbolizou para os sujeitos uma oportunidade de (auto)conhecimento, como desafio reflexivo crítico sobre a formação docente dentro do cenário contemporâneo.

Foram eleitas quatro cartas para compor o corpus de análise deste trabalho. Cada uma delas lança luzes sobre fenômenos importantes presentes no processo de formação dos professores pesquisadores no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*.

A primeira carta fala da possibilidade de transformação no modo como nos percebemos no mundo e com o mundo. Revela o impacto que nossas condições materiais de existência têm na definição de nossos projetos de futuro e que nem sempre esta relação é percebida pelos indivíduos. Dar-se conta de quem se é, do modo como a vida dialoga com a formação e com o trabalho é um processo complexo, mas necessário ao nosso desenvolvimento pessoal e profissional.

[...] Uma vez escutei que a nossa construção como pessoa ao longo da vida é um reflexo da nossa trajetória, pelo menos uma parte dela. Embora essa trajetória diga muitas coisas sobre mim, não acredito que ela determina minhas futuras decisões, meus próximos passos: essa foi uma fala minha com vinte e cinco anos na apresentação do meu trabalho monográfico. Hoje, com trinta e dois anos, acredito sim que minha trajetória determina minhas futuras decisões, e essa pesquisa fala muito sobre isso. [...] Percorrer esse caminho não será fácil, mas estou certa de que essa pesquisa trará contribuições significativas não apenas para a minha formação, mas também para a academia, a sociedade e, sobretudo, para os alunos e professores envolvidos. Acredito que o resultado desse trabalho poderá impactar positivamente a prática pedagógica e o entendimento do papel da narrativa e da expressão cênica na educação. Sou grata pela atenção e estou disponível para fornecer mais detalhes ou esclarecer qualquer dúvida sobre o projeto. Espero poder compartilhar mais vezes a trajetória da pesquisa e juntas dividirmos e ampliarmos novas abordagens na educação (Carta 1).

A carta 1 revela um processo de amadurecimento pessoal e acadêmico, marcado pela reinterpretção da própria trajetória e pela valorização da pesquisa como instrumento de transformação. A autora inicia com uma reflexão sobre como a visão de si mesma e de sua história mudou ao longo do tempo: esse deslocamento de perspectiva evidencia a dimensão reflexiva da formação, característica central da pesquisa (auto)biográfica.

Dialogando com os recortes das cartas pedagógicas como recurso que promove a compreensão da trajetória de formação docente. A produção das cartas pedagógicas é compreendida por Dotta e Garcia (2023, p. 73) como dispositivo (auto)biográfico e

[...] como um instrumento de registro, de análise/diálogo de narrativas dos interlocutores, pois valorizam conhecimentos produzidos em situações de experiências didáticas, no tempo e no espaço; podendo servir de material para compreender os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem.

Além dos elementos analíticos e dialógicos pontuados por Dotta e Garcia (2023), destacamos o potencial reflexivo que as cartas podem adquirir quanto compreendidas com um

mecanismo (auto)biográfico, no qual o pesquisador é o próprio sujeito da pesquisa. Segundo Oliveira (2020, p. 12) a escrita das cartas permite ao pesquisador reconhecer a si mesmo como um sujeito que aprende. Nesse sentido, é reafirmado o potencial investigativo-formativo da escrita de si, por meio de textos epistolares.

As reflexões trazidas por Dotta e Garcia (2023) e Oliveira (2020) dialogam com a experiência da autora da carta 1, evidenciando as articulações entre formação e auto-formação e conhecimento e auto-conhecimento.

Analisando outra carta temos a possibilidade de expressão dos desafios presentes nas trajetórias dos pós-graduandos e o fortalecimento da dimensão coletiva dos processos de formação.

[...] Nessa trajetória de nossa vida, muita gente circula ao nosso redor e constitui travessias. Umas mais, outras menos. E você é uma pessoa que não só circula, mas também escuta, sugere, aconselha, compartilha, estende a mão e acolhe [...] O interessante é que o cruzamento de nossas trajetórias aconteceu no primeiro dia, durante o seminário de introdução ao curso, momento em que eu me encontrava ao lado de minha grande amiga de mestrado, que já estava no doutorado e veio participar daquele momento. [...] Então querida amiga, desse dia para cá, já trocamos muitos diálogos, escrevemos juntos, participamos juntos das disciplinas, compartilhamos juntos as dificuldades encontradas, estreitamos laços e fortalecemos fios condutores de nossa caminhada neste programa de formação, não só de professores, mas de vidas de gente que forma gente.

A proposta de uma carta traz sempre uma empolgação para quem a escreve e uma curiosidade para quem vai ler. Daí nosso desafio em produzir esta escrita visando um ganho tanto na prática quanto no desenvolvimento de nossa temática mediante as circunstâncias.

[...] Portanto, encontramos nas cartas objetivo e subjetivo formal e informal, prosaico e poético, propiciando uma troca de informações e saberes que se concretizam em uma relação entre o eu e o outro.

(Trechos - Carta 2)

Os trechos da carta 2 permitem compreender como o autor reflete sobre sua trajetória dentro da pós-graduação e encontra na escrita um momento de perceber a si mesmo, elencando os desafios presentes na mudança da pesquisa e de si próprio. A narrativa aponta que quando o sujeito partilha a trajetória vivida pode entender de maneira mais ampla os processos desse movimento, exercitando a escuta sensível, acolhendo o olhar do outro e construindo laços que permitem a ampliação da visão de mundo e da compreensão dos fenômenos educativos. Conforme afirma Camini (2012, p. 6), “Em todos os tempos, entre diferentes povos, culturas e classes sociais, escrever e receber cartas significou (e significa) um gesto amoroso e de gratidão entre as pessoas. Isto é, escrever cartas sempre foi uma forma de se comunicar”. O exercício dialógico e também afetivo, no sentido freireano que a palavra adquire e que nos remete à capacidade de afetar o outro e de ser por ele afetado (Freire, 1985).

A proposta de troca de cartas entre os alunos da disciplina promoveu espaço de reflexão e entendimento dos modos como se constroem as escritas afetivas. Destacamos a perspectiva epistemológica de que as cartas não devem se caracterizar como meros registros formais de exigências postas como elementos avaliativos da disciplina em pauta, mas escritos críticos. Reside aí o potencial pedagógico desta proposta. De acordo com a Carta 3:

Em um primeiro momento estive bastante ansiosa para encontrar minha orientadora [...], e juntas pensarmos no projeto e os caminhos para escrita da dissertação. Tive dificuldade em preencher totalmente o mapa, pois queria fazer alterações no projeto, mas também compartilhar com minha orientadora a essência daquele texto inicial. Precisei repensar com calma e desapegar de algumas ideias, visto que o tempo hábil para pesquisa e escrita são curtos. [...] Para o encontro individual já havia feito a leitura do livro “Carta de uma orientadora”, e que livro maravilhoso! A autora, Débora Diniz, consegue, em sua escrita, proporcionar um diálogo entre orientandos(as)-orientador(a)-pesquisa. Cada página possibilitando os caminhos possíveis para a pesquisa, que é individual e também resultado da construção coletiva, um trabalho que carece de compromisso e cuidado a cada etapa. Depois dessa leitura, comprometida e afetuosa, passei a dedicar a (re)leitura e análise mais rigorosa do projeto submetido à seleção do PPGEF, dada a necessidade de concluir a atividade de completar o mapa. Em outras cartas comentei sobre meu tema de pesquisa, minha pergunta norteadora, objetivos e referenciais teóricos. A partir desse olhar, que temos exercitado a cada orientação/encontro vamos compreendendo a necessidade de adaptações e mudanças para dar conta do que propomos, com tem sido falado, é difícil desapegar do projeto, mas é necessário para avançar. Nesse momento, pensamos que estamos totalmente perdidos, mas se lembrarmos, temos que dar alguns passos para trás se quisermos avançar mais a frente. Percebo que durante o encontro, me senti mais confortável em apresentar o plano, defendendo meu ponto de vista e fazendo as explanações necessárias para compreender a trajetória que preciso desenvolver.” (Trechos - Carta 3)

Algumas dificuldades quanto à construção da pesquisa no contexto de vivência da pós-graduação *stricto sensu* mostram-se presentes no fragmento da carta 03. O encontro com o processo de escrita é um movimento necessário para constituição do todo fazer da pesquisa, principalmente para iniciantes, em decorrência dos elementos de ordem técnica que dão contorno ao modo como esses sujeitos expressam seus pensamentos e fazem referência aos elementos teóricos e metodológicos que sustentam as dissertações e teses. Além deste desafio, merece destaque, também, a construção da relação estabelecida entre orientandos-orientador-pesquisa que é imprescindível para a travessia do período de duração do mestrado ou do doutorado. Os movimentos de problematização da realidade, identificação de categorias, eleição de referencial teórico, definição de contornos metodológicos, estabelecimento de estratégias de aproximação com a realidade, escolha de lócus e sujeitos são partes constituintes do conjunto de responsabilidades do pós-graduando. A complexidade desse fazer, quando acompanhada de perto pelo orientador, se constitui como elemento de riqueza do processo

investigativo e não como problema intransponível que inviabiliza o caminhar com alegria e leveza no contexto da pós-graduação.

O compromisso com a leitura crítica e problematizadora do conjunto de elementos que constitui a produção da pesquisa é destacado na Carta 4:

[...] Como você sabe, o meu primeiro objeto passou a não fazer mais sentido depois de um tempo. Na verdade, de alguma forma, eu já sabia que precisaria realizar grandes ajustes nele para finalmente chegar ao que tenho hoje, algo com qual eu realmente me identificasse. O processo até aqui foi extremamente desafiador, sobretudo porque acho que demorei muito a conseguir pôr no papel minhas ideias de forma organizada e coerente, mas eu precisava mesmo maturar as leituras e dar tempo para que os pensamentos pudessem ser melhor definidos e colocados. Como professora formadora, sempre fui bastante inquieta e genuinamente curiosa sobre qual é de fato o meu papel na vida dos futuros professores. Somado a isso, sempre fiz um movimento de revisar constantemente minhas concepções de língua (no contexto do ensino de línguas estrangeiras) e de ensino e aprendizagem, atenta à coerência entre o que sinto, penso e realizo. [...] É preciso quebrar estereótipos, desconstruir noções equivocadas, nos distanciarmos de uma mentalidade subalterna e, assim, construirmos relações mais autênticas [...] do ponto de vista social, acredito é importante, para nós acadêmicos, nos desafiarmos constantemente a (re)pensar nossas práticas, nossas crenças, nossas concepções, a fim de nos alinharmos com as demandas que surgem. [...] ." (Trechos - Carta - 4)

A partir do trecho selecionado na carta 04, podemos pontuar como a autora apresenta suas inquietações com o desenvolvimento do projeto, de maneira que esta precisou fazer alterações relacionadas ao objeto de pesquisa. Além disso, discorre sobre como atua a professora formadora, partindo desse lugar de fala para planejar sua pesquisa, e demonstra sua trajetória na educação com o projeto, articulando teoria e prática pedagógica. Podemos trazer as reflexões de Camargo (2010, p. 14), quando afirma “Com todas as letras e marcas que definem a condição social da escrita, não há como desconsiderar a relação que se estabelece, solitária, necessária, tensa, de tortura criadora, que confere um lampejo de existência a si mesmo, porque escreve.” São nas palavras que conseguimos identificar as motivações e aflições do sujeito que se coloca no mundo, o processo de escrita possibilita o encontro consigo mesmo.

Conforme afirma Freire (2015, p. 20), “O ato de escrever é mais complexo e mais demandante do que o pensar sem escrever.” O movimento de escrever possibilita as reflexões que estão presentes nas cartas pedagógicas, em um movimento de compartilhar com o outro suas inquietudes com a pesquisa, que de certo modo, é solitário.

No dizer de Freire (2015), o processo de escrita não é simplesmente um ato mecânico precedido de outro, mas sim um ato de pensar ordenadamente, organizadamente sobre um certo objeto, em que o sujeito pensante, apropriando-se da significação mais profunda do objeto pensado, conclui por aprender a razão de ser e saber acerca do objeto. Portanto, a proposta de

escrita das cartas pedagógicas entre os pesquisadores se evidenciou como um mecanismo capaz de propiciar ganhos na definição do objeto e, principalmente, no desenvolvimento da escrita dos participantes da disciplina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste escrito nos debruçamos sobre o processo de escrita de cartas pedagógicas entre estudantes pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE). Este movimento configurou-se como uma ferramenta que viabilizou refletir acerca da escrita (auto)biográfica como mecanismos favoráveis à investigação e à formação docente. Para isso, analisamos 04 (quatro) cartas escritas por estudantes pesquisadores da disciplina de Estudos Orientados ofertada pelo PPGE/UECE no segundo semestre de 2024.

Conforme as escritas analisadas, foi possível observar como a escrita nos insere no mundo, oferecendo um espaço onde os sujeitos dizem de si mesmos e sobre condições às quais estão vivenciando. Funcionando também como um marcador de tempo, diálogo, possibilita, ainda, o compartilhamento da experiência consigo mesmo e com o outro. O processo de desenvolvimento da escrita dos sujeitos participantes da pesquisa ganha outra dimensão a partir da troca de cartas relatando os desafios encontrados no decorrer de suas experiências com a pesquisa.

Após análise dos trechos escritos pelos participantes, ficou evidente que a permuta de cartas entre os participantes da pesquisa proporcionou a escrita de si, dando vasão à descrição de angústias, curiosidades, desafios, incertezas e, principalmente, a construção da trajetória formação, vida e trabalho dos professores pesquisadores. Também foi possível perceber, além do encontro com a pesquisa, a construção coletiva de conhecimentos, possibilitada por intermédio das contribuições de professores orientadores e colegas de turma, culminando no fortalecimento de laços, quebra de estereótipos, desconstrução de noções equivocadas e crescimento pessoal profissional e institucional.

Com as reflexões aqui tecidas, esperamos que se amplie maior espaço para a escrita (auto)biográfica de forma reflexiva, também como importante ferramenta de pesquisa, capaz de propiciar um melhor fortalecimento da formação docente.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Sobre leitura e escritos autobiográficos: apontamentos teóricos. In: CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de.; SANTOS, Vivian Carla Calixto dos. **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 13-30, 2010.

CAMINI, Isabela. **Cartas pedagógicas**: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. 2012.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, E. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFC – 2.ª ed. Uberlândia, EDUFU, 2015.

COSTA, Elisangela Andre da Silva. MARTINS, Elcimar Simão. SOUZA, Luciana Rodrigues Leite de. **Didática e docência em diferentes textos e contextos**. Wanderson Diogo Andrade da Silva; Suzana dos Santos Gomes; Rosana Aparecida Ferreira Pontes. (Org), Fortaleza, EdUECE, 2025.

DELORY-MOMBERGER, C. **A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 133–147, 2016. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n1.p133-147. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/rbpab/article/view/2526>. Acesso em: 19 ago. 2025.

DINIZ, Débora. **Carta de uma orientadora**: o primeiro projeto de pesquisa, 2.ª ed. revista Brasília, Letras Livre, 2013.

DOTTA, Carla Luz Salaibb; GARCIA, Elisete Enir Bernardi. Cartas Pedagógicas: uma inspiração freireana. **Reflexão e Ação**, v. 30, n. 1, p. 69-84, 2022.

FRANCO, Maria Amélia Santoro e PIMENTA, Selma Garrido. **Didática multidimensional**: por uma sistematização conceitual. Educação & Sociedade, v. 37, n. 135, p. 539-553, 2016.

FREIRE, P. **Por uma Pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. Editora Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. Cartas a Cristina: **reflexões sobre minha vida e minha práxis**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. Tradução José Claudino e Julia Ferreira; adaptação à edição brasileira Maria Vianna, São Paulo, Cortez, 2004.

KUENZER, Zeneida Acácia. **Da dualidade assumida à dualidade negada**: o discurso da flexibilização justifica a inclusão excludente. Educação & Sociedade, v. 28, n. 100, 2007, p. 1153-1178.

OLIVEIRA, Flávia Roberta de. **Os laços e os nós na constituição do ser docente de química**. 2017. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta

Grossa, Ponta Grossa, 2017. Disponível em: < <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3330> >. Acesso em: 01 de ago. 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação** – Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/agosto 2011.

PEREIRA, Ana Cristina da Silva de Oliveira. Vidas escritas: **interrogações sobre narrativas docentes**. Maria da Conceição Passeggi, Ecilde Cunico Furlamento, Filomena Maria de Arruda Monteiro (orgs) e Elizeu Clementino de Souza (Direção) – Curitiba, CRV, 2024.

SOUZA, Elizeu Clementino. de (Org.). **Autobiografias, História de Vida e Formação: pesquisa e ensino**. Salvador/Bahia: EDUNEB - EDIPUCRS, 2004.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores, DP&A, Salvador, BA, UNEB, 2006